

DIÁRIO DE ARTISTA: ESTUDOS SOBRE O PROCESSO CRIATIVO

Tharciana Goulart da Silva
UDESC - tharcianagoulart@gmail.com

Fábio Wosniak
UDESC - fwosniak@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta o diário como lugar relevante para o desenvolvimento do processo criativo. O qual é percebido como um dispositivo que possibilita estudos artísticos técnicos e teóricos que perpassam experiências e narrativas pessoais. Permeado as questões de espaço/tempo da criação artística e docente, possibilitando reflexões sobre a construção da subjetividade e identidade de quem o constrói. Diferentes artistas realizaram esta prática, como Louise Bourgeois (2000), Frida Kahlo (2012) e Paul Klee (1990). Em seus “escritos” percebemos um olhar voltado para a Arte e histórias de vida.

PALAVRAS-CHAVE

Diário. Processo criativo. Narrativa. Experiência.

ABSTRACT

This article presents the diary as a relevant place to the development of the creative process. It is perceived as a device that enables technical and theoretical artistic studies that pass by experiences and personal narrative. It permeates the issues of space/time of teaching and artistic creation that allows reflections about the construction of subjectivity and identity of who makes it. Different artists performed this practice, as Louise Bourgeois, Frida Kahlo, and Paul Klee. In their "writings" we perceive an eye on the Arts and life stories.

KEYWORDS

Diary. Creative process. Narrative. Experience.

1. Permeando o processo artístico/inventivo

O diário é um instrumento pertinente para diferentes campos de estudos, que pode ser percebido como etnográfico, jornalístico, poético, crítico, diário de bordo ou caderno de registros. Nas Artes Visuais o diário tece diálogos com o ensino/aprendizagem. Os diários de artistas e artistas/professores possibilitam um adentro ao processo criativo. Por meio desse objeto podemos perceber estudos teóricos e práticos relacionados à linguagem visual e ao ensino, relatos de experiências, anotações de procedimentos, estudos de técnicas, cores e formas.

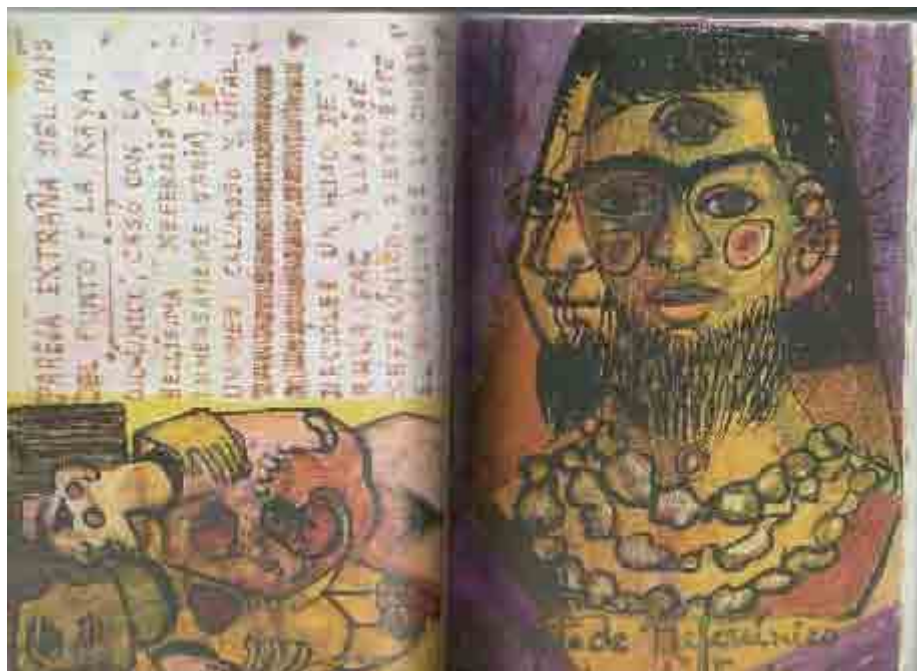


Figura 1, Diário de Frida Kahlo.

Fonte: KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012, p. 46-47.

O diário como dispositivo permeia a construção da subjetividade artística. É um recurso de reflexão sobre a própria prática, capaz de demonstrar influências do contexto e do tempo no qual foi construído. Além disso, possibilita reformulações e questionamentos, por isso, é uma ferramenta que perpassa a potência criativa do trabalho artístico. O desenvolvimento de um diário pode estar presente tanto no campo visual como no campo textual. Não existem regras ou uma receita para a construção de um diário, pois este é percebido em diálogo com o cotidiano, mostrando assim as marcas, os vestígios e os rastros de quem com ele reflete a potência criativo-poética de observar o mundo.

O diário como estudo para obras deixa transparecer fragmentos do processo provocador do pensamento criativo. Conforme Salles:

[...] o movimento criativo é a convivência com os mundos possíveis. O artista vai levantando hipóteses e testando as permanentes. Como consequência, há, em muitos momentos, diferentes possibilidades de obra habitando o mesmo teto. Convive-se com possíveis obras: criação em permanente processo. As considerações de uma estética presa à noção de perfeição e acabamento enfrentam um “texto” em permanente revisão. É a estética da continuidade, que vem dialogar com o estático, guardada pela obra de arte (SALLES, 2013: 34).

Os rastros presentes em um diário em relação a uma obra são traduzidos por meio de colagens, desenhos, esboços, anotações, registros, projetos, poetizações capazes de demonstrar a experiência narrativa dos processos inventivos em Arte. Possibilitam criar relações e apontamentos articulando assim o saber/fazer do artista e “deixando transparecer a natureza indutiva do processo de criação” (SALLES, 2013: 27). Sendo assim, “um artefato artístico surge ao longo do processo complexo de apropriações, transformações e ajustes” (SALLES, 2013: 23). O diário é um lugar possível para essas questões que “acontecem” no decorrer do processo criativo.

2. Diários e suas potências criativas

Os diários propiciam reflexões e considerações sobre o(s) percurso(s), o espaço/tempo da produção, estudos presentes na prática estético-artística. Para Salles, “O tempo e o espaço do objeto de criação são únicos e singulares e surgem de características que o artista vai lhe oferecendo, porém, se alimentam do tempo e do espaço que envolve sua produção” (2013: 45). Sendo assim:

A obra é o resultado de um trabalho, caracterizado por transformação progressiva, que exige, do artista, investimentos de tempo, dedicação e disciplina. A obra é, portanto, percebida por um complexo processo, feito de ajustes, pesquisas, esboços, planos, etc. Os rastros deixados pelo artista de seu percurso criador são a concretização desse processo contínuo de metamorfose (SALLES, 2008: 25).

Os artistas Frida Kahlo (1907-1954), Paul Klee (1879-1940) e Louise Bourgeois (1911-2010) desenvolveram o ato de registro em distintos aspectos. Esses artistas, em diferentes tempos históricos, sociais e culturais, realizaram notas visuais e textuais em diários sobre suas trajetórias criativas.

O diário de Frida Kahlo é repleto de cores e sentimentos expressos em uma explosão de visualidades. A artista deixa clara a relação entre seu percurso artístico e sua história de vida, tanto em seus relatos quanto nos estudos de pintura. Frida escreve:

[...] quem diria que as manchas ajudam a viver? Tinta, sangue, cheiro. Não sei que tinta usar qual delas gostaria de deixar desse modo o seu vestígio. Respeito-lhes a vontade e farei tudo o que puder para escapar do meu próprio mundo (KAHLO, 2012: 65).

Frida Kahlo também redigia cartas em seu diário, muitas vezes endereçadas a seu companheiro, Diego Riveira (1886-1957). No entanto, como essas cartas estavam nesse suporte, talvez fossem um desabafo (pois não poderiam ser enviadas), algo advindo da necessidade de expressar-se, ou um rascunho para uma possível carta.

Paul Klee, um artista/professor, que transitou entre os campos das Artes Visuais e da Música, manteve uma relação diferente de Frida Kahlo com seu diário.

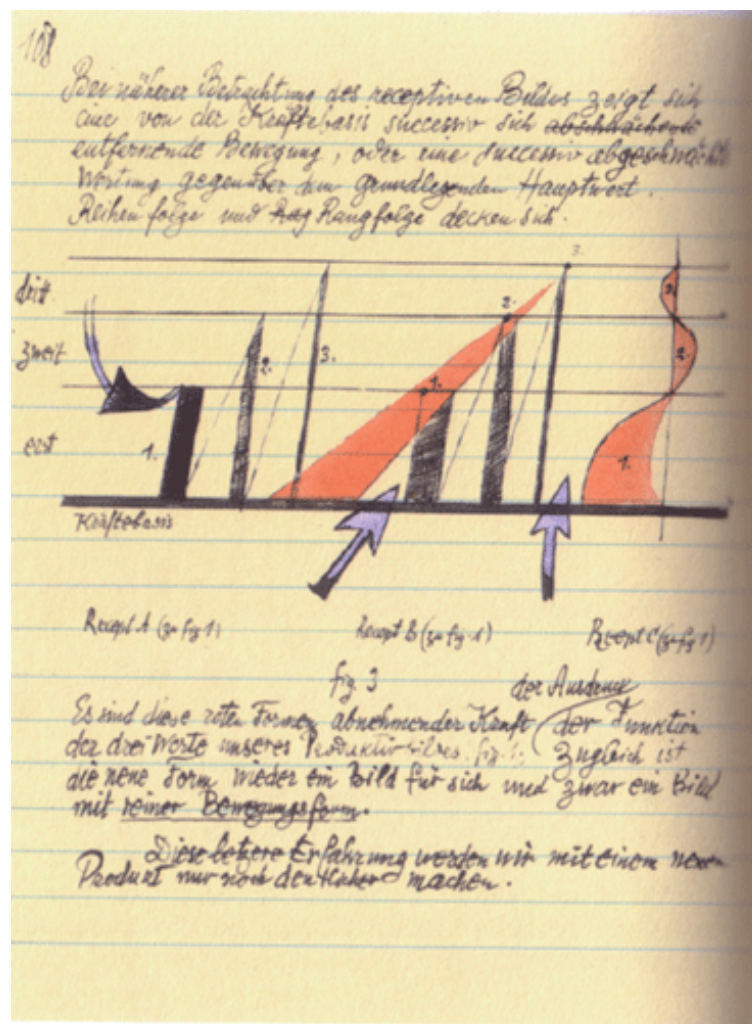


Figura 2, Caderno de Paul Klee, estudos de música.

Fonte: Disponível em <http://sferraz.mus.br/palestra_bh/bh_main2.html>. Acesso em: 25 jun. de 2015.

O diário de Klee perpassa com evidência o campo textual de relatos do dia-dia. O artista comenta questões relacionadas à sua vida pessoal, aos seus estudos, realiza alguns esboços, anotações sobre Música e adentra até mesmo em discussões sobre a Arte e seu tempo. O artista coloca:

Cheguei ao ponto de ter uma visão panorâmica da grande cultura da Antiguidade e de seu Renascimento. Só que não consigo pensar em nenhuma relação artística com nosso tempo. E me parece suspeito querer criar qualquer coisa fora de seu próprio tempo (KLEE, 1990: 87).

Klee demonstra a relevância das questões que envolvem o espaço/tempo de produção, como pensa questões pessoais articuladas aos seus estudos plásticos, teóricos, conceituais e seu processo criativo-artístico. Desse modo, desenvolve anotações sobre cores, técnicas e modos de ver e pensar acerca do que o artista observa a partir do seu cotidiano e suas reflexões intelectuais.

O que me cativa nas cores não é a iluminação, mas a luz. Luz e sombra constituem um universo gráfico. A claridade difusa de uma leve neblina é mais rica em fenômenos do que um dia ensolarado. Fina camada de neblina antes de ser atravessada pelo astro. Difícil reprodução na pintura, devido à fugacidade do instante. É preciso que ele penetre na alma (KLEE, 1990: 414).

Louise Bourgeois traz o diário em outra perspectiva, não somente em relação à escrita, mas ao diário como objeto. A artista não escrevia apenas em cadernos e blocos de anotações, mas em papéis soltos e folhas de agenda. Seu percurso com a escrita iniciou-se aos doze anos, Bourgeois relata suas pesquisas entre o bidimensional e o tridimensional (Bernadac, 2000). O diário da artista era seu “laboratório” de escrita, um mapa de desejos, encontros, estudos e pensamentos, que permeavam suas histórias pessoais. Com relação à sua escrita, Bourgeois diz:

Você pode aguentar qualquer coisa, desde que ponha no papel. Tem de fazer para poder se segurar. Quando o espaço é limitado, ou quando é preciso cuidar de uma criança, sempre se pode recorrer a escrita. Tudo que você precisa é de papel e caneta. Mas você precisa redirecionar a sua concentração... Palavras conectadas entre si podem estabelecer novas relações... uma nova visão das coisas (BOURGEOIS, 2000: 49).

Louise Bourgeois tecia questionamentos constantes sobre a Arte, o ser artista e sua relação com o mundo. A artista questiona:

O que *provoca* o nascimento da obra? Qual o impulso primário? O que faz o artista trabalhar? É para fugir da depressão (preenchendo um vazio)? É para registrar confiança ou prazer? É para entender e solucionar um problema formal e reordenar o mundo? (BOURGEOIS, 2000: 64).

Por meio do estudo dos diários dos artistas somos levados a pensar nas relações singulares destes com os processos de criação. Cada artista construiu seu

diário de uma maneira diferenciada, cada um com suas peculiaridades, demonstrando sua maneira de ser, seus olhares sobre a pesquisa artística, seus apontamentos e percepções sobre o mundo. O diário de um artista é feito pela necessidade de registro, do desenvolvimento de pensamentos, percursos, rastros, vestígios e ideias. Pode ser um texto poético e visual, que reflete sobre experiências de vida, do cotidiano, evidenciando, portanto, uma ponte para a memória e o arquivo. O diário ressoa questões que constituem a formação do sujeito/artista. Desse modo, percebemos sua potência estética.

3. O ato comunicativo e o ato criativo

Cartas constituem uma perspectiva de registro dos processos por meio da comunicação. Com o compartilhar dos estudos e questões que envolvem a criação percebemos que “Criar é um ato comunicativo. A obra de um artista dialoga com o passado, presente e futuro do seu criador. Também é possível perceber diálogos entre obras diferentes de um mesmo artista” (SOUZA, 2011: 71).

Arte pressupõe comunicação, assim como o seu processo, devido ao desejo de compartilhar, de obter retornos em relação às ideias, sobre os fundamentos da linguagem visual, assim como de perceber as reações sobre o que é criado.

Vincent Van Gogh (1853-1890), Edward Hopper (1882-1967), Louise Bourgeois (1911-2010), Paul Cézanne (1839-1906), Frida Kahlo (1907-1954) e Henri Matisse (1869-1954) desenvolveram o hábito de escrever cartas a parentes e amigos, nas quais deixavam evidentes questões de suas vidas pessoais e de seus percursos criativos. Podemos perceber as correspondências como fontes de pesquisa bibliográficas sobre os artistas, onde, torne-se possível também aprender sobre técnicas e procedimentos em Arte.

Cartas de artistas como veículo de registro e comunicação nos demonstram processos criativos. Compreendemos, a partir dos estudos presentes nos diários, como o pensamento plástico acontece, que relações os artistas criaram para optar por um tema ou técnica em determinada obra. Notamos também a rotina desses artistas, questões de vivências pessoais que, de certo modo, reverberam no trabalho plástico.

Vincent Van Gogh comunicava-se com frequência com seu irmão Théo Van Gogh (1857-2004) e os amigos Émile Bernard (1868-1941) e Paul Gauguin (1848-1903). As cartas tornavam aparentes as observações sobre a pintura, o estudo da forma e da cor presente nas paisagens. O artista também relatava questões pessoais, seus problemas de saúde e seus desejos, como o de estabelecer a ‘casa amarela’ como um lugar onde alguns artistas morariam e poderiam compartilhar suas vivências em/com Arte, tornando esse lugar uma comunidade artística.

Na imagem abaixo podemos ver uma carta de Van Gogh endereçada a Paul Gauguin. Van Gogh coloca junto a seus escritos um esboço de seu quarto, o que mais tarde vem a tornar-se uma de suas mais famosas pinturas. O *Quarto em Arles*, em suas três diferentes versões¹, é um retrato do quarto de Van Gogh, alugado em uma pensão, que o artista chamou de casa amarela. As pinturas foram realizadas na França, na cidade de Arles, entre os anos de 1888 e 1889.



Figura 3, Carta de Van Gogh para Paul Gauguin, 1888.

Fonte: Disponível em <<http://facadax.com/2009/10/23/the-van-gogh-letter-sketches/>>. Acesso em: 20 jul. de 2015.

¹ Primeira versão: realizada em outubro de 1888, técnica óleo sobre tela, dimensão de 72 cm x 90 cm, pertencente ao acervo do Museu Van Gogh, Amsterdã.
 Segunda versão: realizada em 1889, técnica óleo sobre tela, dimensão de 73,6 cm x 92,3 cm, pertencente ao acervo do Art Institute Chicago, EUA.
 Terceira versão: realizada em setembro de 1889, técnica óleo sobre tela, dimensão de 56,5 cm x 74 cm, pertencente ao acervo do Museu de Orsay, França.

Vincent Van Gogh, em uma carta endereçada a seu amigo Bernard, datada de abril de 1888, escreve sobre como compreendia a paisagem e a cor em seu processo criativo/perceptivo:

[...] estou absorvido pelas árvores frutíferas em plena floração, pessegueiros cor-de-rosa, pereiras de um branco-amarelado. Não tenho qualquer sistema para dar pinceladas em meus quadros. Ataco a tela com toques irregulares do pincel e deixo como está, não modifico nada. (...) Trabalhar ao ar livre todo o tempo, tento capturar o que é essencial no desenho – mais tarde, eu dou um acabamento melhor. A partir do meu sentimento na ocasião, eu anoto a tonalidade que pretendo expressar: o chão deve compartilhar do mesmo tom violáceo, o céu inteiro deve ter uma coloração azulada, a vegetação verde deve ser ou verde-azulada ou verde-amarelada, exagerando deliberadamente neste caso tanto os azuis como os amarelos (GOGH, 2008: 228).

Utilizando-se da carta como veículo de registros, o artista pôde delinear um relato sobre seus estudos acerca da visualidade. Cartas como meio de comunicação tornam-se um documento entre o ato comunicativo e o ato criativo, demonstrando a relevância do compartilhamento, da opinião do próximo.

4. Entre a narrativa e a experiência

Diários e cartas de artistas, em seus diferentes aspectos, compreendem o desenvolvimento e o compartilhamento do processo artístico-criativo. Criar é um ato de relações com o próprio viver. Por meio dos dispositivos de diários e cartas podemos adentrar na narrativa pessoal, a qual “[...] está impregnada com a experiência de vida do narrador, que nela imprime a sua marca e seus sentidos, inventa cotidianos, promove movimentos e modos de existência” (TASQUETTO, 2013: 1001).

O diário, como possibilidade de criação, nos faz refletir sobre o ateliê como algo além de um espaço físico rodeado por paredes. Um diário é portátil, pode estar presente em diferentes momentos. Portanto, pode ser compreendido como um ateliê permeado de inventividades, relações de pensamentos que perpassam as vivências dos artistas e suas experiências.

Sobre a experiência, John Dewey (2010) elaborou uma teoria sobre a Filosofia da Arte como experiência. O filósofo norte-americano explica que a experiência

[...] ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente. (DEWEY, 2010: 109).

Nessa perspectiva, o diário como um laboratório perpassa as questões da experiência. Entre fragmentos e compartilhamentos podemos refletir sobre o cotidiano em que o artista descreve seu modo de perceber e atribuir sentido a suas experiências estéticas.

O diário é um lugar de reflexões que pode ser utilizado como objeto de estudos, tanto para quem o cria quanto para quem o pesquisa, a fim de compreender a relação de diferentes artistas com a Arte.

Diários permitem perceber atos/ações/reflexões, trazendo-nos a possibilidade de acumular saberes potenciais relacionados ao estético, artístico e pedagógico.

REFERÊNCIAS

- BERNADAC, Marie-Laure. “Introdução”. In: BOURGEOIS, Louise. *Desconstrução do pai, reconstrução do pai*. [Tradução de Álvaro Machado; Luiz Roberto Mendes Gonçalves]. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
- BORGER, Johanna. *Biografia de Vincent Van Gogh por sua cunhada Jo Bongor*. Tradução de Willain Lagos, Porto Alegre: L&M, 2008.
- BOURGEOIS, Louise. *Desconstrução do pai, reconstrução do pai*. [Tradução de Álvaro Machado; Luiz Roberto Mendes Gonçalves]. São Paulo: Cosac Naify, 2000.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- KLEE, Paul. *Diários*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- SALLES, Cecilia Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008.
- _____. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 6. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- SOUZA, Gilda Sabas de. *Documentos de Processo: cartas de Ana Cristina César, Clarice Lispector e Frida Kahlo*. Tessituras & Criação. no. 2 - Dez. 2011 [suporte eletrônico] Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/tessituras/article/view/8019/5890>>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- TASQUETTO, Angélica D’Avila. Algumas notas sobre o diário de aula e a narrativa docente: perspectivas para a formação em artes visuais. In: *Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP*. Pará: pp. 997-1008, 2013.

Tharciana Goulart da Silva

Mestranda em Artes Visuais na linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais PPGAV-UDESC, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Jocielle Lampert . Graduada no curso de Licenciatura em Artes Visuais (UDESC). Integrante do grupo de pesquisa *Entre Paisagens* (UDESC/CNPq). Integrante do grupo de estudos *Estúdio de Pintura Apotheke*.

Fábio Wosniak

Doutorando em Artes Visuais na linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais PPGAV-UDESC, sob orientação da Prof^a.Dr^a. Jocielle Lampert . Graduado no curso de Licenciatura em Pedagogia/Supervisão Escolar (FAED/UDESC). Integrante do grupo de pesquisa *Entre Paisagens* (UDESC/CNPq). Integrante do grupo de estudos *Estúdio de Pintura Apotheke*.